

O DISCURSO DO CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL BRASÍLIA ENTRE DOIS CONTEXTOS SOCIAIS: CULTURA ENQUANTO ARTE E HOSPITALIDADE NA PERSPECTIVA DA ACOLHIDA

THE CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL BRASÍLIA'S DISCOURSE BETWEEN TWO SOCIAL CONTEXTS: CULTURE AS ARTS AND HOSPITALITY FROM THE PERSPECTIVE OF WELCOMING

Adelaide Cristina Nascimento de Oliveira¹

Endereço Acadêmico: Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro, ICC Norte.
Cep. 70297-400
Brasília - DF, Brasil
Email: adecno@gmail.com

Eloisa Pereira Barroso²

Endereço Profissional: Departamento de História, Universidade de Brasília, Campus Universitário Darcy Ribeiro, ICC Norte.
Cep. 70297-400
Brasília - DF, Brasil
Email: eloisabarroso@uol.com.br

Resumo: Este artigo examina, à luz da análise do discurso, três publicações realizadas na internet pelo Centro Cultural Banco do Brasil Brasília, entre 2014 e 2015, de modo a ressaltar a complexidade das dinâmicas entre representação e prática. Ao mesmo tempo, o espaço é observado a partir dos significados de hospitalidade e cultura, os quais ultrapassam a associação com a matéria, sendo relacionados à interação entre pessoas e ao acúmulo de conhecimentos e práticas transmitidos de uma geração a outra.

Palavras-chave: CCBB Brasília e cultura; Espaço e hospitalidade; Análise de Discurso.

Abstract: This article examines, in the light of discourse analysis, three publications posted on the internet by the Centro Cultural Banco do Brasil Brasília, between 2014 and 2015, in order to highlight the complexity of the dynamics between representation and practice. At the same time, the space is observed in order to emphasize that hospitality and culture's meanings go beyond those association with the subject, being related to the interaction among people and the accumulation of knowledge and practices transmitted from one generation to another.

Keywords: CCBB Brasília and culture; Space and hospitality; Discourse Analysis.

¹ Jornalista e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Mestre pelo Centro de Excelência em Turismo da UnB e Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo – pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte. Atuou como professora substituta no Departamento de Artes Cênicas da UnB. Foi editora, subeditora e repórter em jornal impresso, revista e emissoras de rádio, além colaboradora e produtora de festivais internacionais de teatro.

² Professora Associada do Departamento de História da Universidade de Brasília (UnB). Mestrado e Doutorado em Sociologia. Credenciada ao Programa de Pós-Graduação em História, orienta mestrados e doutorados na linha Identidade e Cultura. Foi coordenadora de graduação e chefe do Departamento de História da UnB. Atualmente, é diretora na Diretoria de Desenvolvimento Social da UnB. Pesquisa ditadura militar, patrimônio, relação entre história e literatura, com ênfase em História Oral.

Introdução

Em uma era ditada pela velocidade da informação e pela essência da dúvida, a asserção é a de que as formulações científicas sobre os mais diversos fenômenos engendradas até aqui são fonte de conhecimento e carecem ser constantemente rediscutidas. As mudanças em torno dos conceitos de cultura e seus correlatos, pelos quais entende-se a composição de papéis desenvolvidos na sociedade, tais como arte, cultivo, experiências comunitárias etc., como sugerem Geertz³ e Bhabha⁴, são apenas parte de um amplo processo de deslocamento dos quadros referenciais promovidos pelas sociedades modernas. Compreende-se, de antemão, que o conceito de cultura tem sido extensamente discutido na teoria. É, portanto, inequívoco que dificilmente algum teórico conseguirá açambarcar toda a diversidade das proposições, especialmente em um contexto em que à estética europeizante assomam-se proposições asiáticas, africanas, ameríndias. E nenhuma se sobrepõe às demais.

Subentende-se, a princípio, que o significado de cultura ultrapassa o âmbito da associação com a matéria, sendo relacionado à interação entre pessoas, à assimilação e ao acúmulo de conhecimentos que podem ser transmitidos de uma geração a outra. Crucial nas ciências humanas e sociais, posto que fundamentada por sistemas ou códigos de significados pelos estudos da literatura e das artes⁵, a cultura, no âmbito deste artigo, é observada na corrente de pensamento preconizada por Williams⁶ quanto à sua associação a um estado mental que definiria uma vida refinada – “pessoa culta”, “atividades culturais”, “artes” e “trabalho intelectual”. Esse sentido mais especializado de cultura enquanto atividade artística concilia seu caráter estético e antropológico, como afirma Eagleton⁷, para quem a palavra cultura codificaria questões fundamentais e de caráter ilimitado dada sua liberdade de significados.

Nesse referencial encontra-se também a hospitalidade, cuja base remete à mitologia grega ao ponto de confundir-se com a “instalação do divino no seio do humano”, como

³ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC S.A., 1989.

⁴ BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

⁵ HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 2, v. 22, 1997, p.15-46. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>. Acesso em: 19 nov. 2021.

⁶ WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. 2011 (reimpressão). ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

⁷ EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

apregoa Foucart⁸, ao mesmo tempo em que, no mundo contemporâneo, apresenta-se sob a ótica do capital. Da condição de *hospitalitas*, cujo substantivo *hospitalis*, derivado de *hospes*, “aquele que recebe o outro”, e que traz em si um gesto de acolhida e de hospedagem gratuita⁹ contém pressupostos de um produto, uma mercadoria comercializável na forma de bens culturais. Em meio a essa perspectiva, há um sentimento de pertencimento: um (anfitrião) e outro (visitante) desenvolvem seus papéis e reconhecem suas identidades, ainda que essas possam variar, com o hóspede assumindo a condição de *host*. Nas palavras de Grassi¹⁰, “a hospitalidade é fato social, produzido por uma sociedade, num dado momento, para responder a uma situação precisa”. O mesmo se dá com a comunicação.

No palco deste cenário está o Centro Cultural Banco do Brasil Brasília (CCBB), espaço multidisciplinar que oferece programação cultural variada – exposições, debates, mostras de cinema, shows e teatro – gratuita ou por valores considerados acessíveis. É, portanto, em torno da ideia de cultura e de hospitalidade adotada pela instituição o foco deste artigo. Suas ambiguidades refletem a imprecisão da construção de seus conceitos na constituição do Centro como lugar de visitação e acolhida. A observação dá-se pela análise de discurso, posto que, para comunicar a si mesmo utiliza, como ferramentas, dentre outros recursos, os textos inseridos em suas páginas na internet, especificamente no site (www.bb.com.br/cultura) e no Facebook (www.facebook.com/ccbb.brasilia).

Nata da interdisciplinaridade, a análise de discurso, na perspectiva de Orlandi¹¹, se faz na contradição de três campos do saber sobre os quais se sedimenta: a Linguística, pela atenção concentrada na língua como sistema de signos e as normas gramaticais, no Marxismo e na Psicologia enquanto ciências sociais interrogadas por excluírem a linguagem em sua materialidade. No entanto, é justamente ao “delimitar o objeto de pesquisa, remetê-lo a um complexo objetivo, material, compacto, bem definido e observável” que o pesquisador perde “a própria essência do objeto estudado, sua natureza semiótica e ideológica”¹². Bakhtin e Orlandi nos dizem, com isso, que o objeto de estudo – o discurso cultural e hospitaleiro do CCBB na internet – carrega em si a dialética de forças opostas que formam sua totalidade.

No CCBB, a soleira de uma porta simbólica, a passagem do asfalto para os paralelepípedos, introduz o visitante a um espaço no qual as boas-vindas são terceirizadas,

⁸ FOUCAULT, Claude. Thomas Mann: idealização da vida burguesa. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac, 2011, p. 966.

⁹ GRASSI, Marie-Claire. Hospitalidade: Transpor a soleira. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac, 2011, p. 45.

¹⁰ *Ibidem*, p. 52.

¹¹ Orlandi, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: Princípios & procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2013.

¹² BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2009, p.72.

posto ser o anfitrião máster impessoal e ao mesmo tempo onipresente. A necessidade é a de promover a identificação do convidado com o *host* por meio da exibição de espetáculos e exposições que promovem o afluxo de pessoas aos seus ambientes – galerias, salas de espetáculo, jardins. Nascido como espelho de uma instituição financeira, o CCBB apresenta-se de distinta égide: não fala de negócios, de crédito, de câmbio, mas em perspectivas culturais e horizontes para a arte.

O início de suas atividades deu-se em 12 de outubro de 2000, no mesmo dia em que seu mecenas, o Banco do Brasil, completava 192 anos de existência. O CCBB Brasília viria a ser o segundo Centro Cultural da instituição no país, posto que o CCBB Rio de Janeiro havia sido implantado no mesmo 12 de outubro de 1989, o CCBB São Paulo em 21 de abril de 2001 e, por último, o CCBB Belo Horizonte, em 27 de agosto de 2013.

Os edifícios que abrigam os quatro centros possuem em comum a ambientação em prédios de valorização do patrimônio histórico das capitais, tendo, portanto, sido construídos para outras finalidades e com isso sofrendo adaptações arquitetônicas para receber os estabelecimentos com objetivos culturais. O CCBB RJ, cuja pedra fundamental foi lançada em 1880, foi inaugurado como sede da Associação Comercial do Rio de Janeiro em 1906, tendo abrigado ainda o pregão da Bolsa de Fundos Públicos, passando a pertencer ao BB na década de 1920, que o reformou para abertura de sua sede¹³. O prédio em que se situa o CCBB São Paulo foi adquirido pelo BB em 1923, tornando-se quatro anos mais tarde, em 1927, a primeira agência em imóvel próprio da instituição na capital paulista¹⁴, enquanto o de Belo Horizonte, cuja edificação ocorreu entre 1926 e 1930, abrigou secretarias de Estado e a Procuradoria Geral de Minas Gerais antes de receber o espaço cultural, cedido em comodato pelo governo mineiro ao banco¹⁵. Os três, portanto, foram construídos no começo do século XX, possuem estilo neoclássico e estão situados em zonas centrais das cidades.

Desta feita, o CCBB Brasília é o único que foge à regra, por ter sido edificado em concreto, em 1993, e localizar-se fora do perímetro central urbano, em região de ampla extensão verde – Setor de Clubes Sul, Trecho 2, Edifício Tancredo Neves. A unidade brasiliense possui ainda uma área externa, composta por jardins e generoso estacionamento, além de opções de gastronomia e vista privilegiada para a Ponte Juscelino Kubitschek, ponto turístico da capital brasileira¹⁶.

¹³ BANCO DO BRASIL. *Sobre o CCBB*: Rio de Janeiro. 2021. Disponível em: <https://ccbb.com.br/rio-de-janeiro/sobre-o-ccbb/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

¹⁴ BANCO DO BRASIL. *Sobre o CCBB*: São Paulo. 2021. Disponível em: <https://ccbb.com.br/sao-paulo/sobre-o-ccbb/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

¹⁵ BANCO DO BRASIL. *Sobre o CCBB*: Belo Horizonte. 2021. Disponível em: <https://ccbb.com.br/belo-horizonte/sobre-o-ccbb/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

¹⁶ Essa composição chamou a atenção de autoridades, que escolheram o espaço para abrigar os governos de transição, como são chamados os períodos de passagem de uma administração federal a outra, após a confirmação do pleito

Na casa do hospedeiro, crianças, jovens e adultos de diferentes classes sociais são esperados, mesmo que sua programação não satisfaça, imediata e plenamente, os anseios de um ou outro conviva. Entretanto, a variedade de propostas se articula com públicos diversos, de modo a incluir os excluídos¹⁷, pois os projetos selecionados, ao mesmo tempo que incluem interessados nas resenhas, excluem quem não se identifica com elas.

Em um sistema referencial como o da sociedade contemporânea, Bessone entende que causa e consequência se confundem e lembra Saül Karsz, para quem a exclusão seria um “conceito falso” aplicado a um “problema verdadeiro”:

[...] Ora, o primeiro problema que encontramos, quando procuramos definir a exclusão, é o da posição do locutor. Quem define a exclusão, o excluído ou o incluído, aquele que se encontra fora ou o que se encontra dentro? É fácil, num primeiro momento, supor que o *status* do excluído é plausivelmente imposto pelo incluído. A categoria de exclusão só adquire sentido em relação à de inclusão, de inserção, de integração. Preocupado com suas prerrogativas e seus privilégios, o incluído define alguns critérios de inclusão que justificam a sua integração ao sistema e as preferências e recompensas autorizadas por essa integração. [...] A exclusão confirma o ideal da inclusão, que funciona como uma marca de referência ou um modelo, e os incluídos fazem questão de informar que eles o são. [...]¹⁸

Nesse sentido, o *habitus*¹⁹ ajuda na compreensão das relações sociais e disposições de atuação nos espaços estabelecidos entre os frequentadores do CCBB posto que, num ambiente em que prevalecem a estetização e o caráter generalizante do conhecimento, a familiaridade com obras de arte seria um diferencial tanto inclusivo quanto excludente, ainda que o Centro desenvolva projetos voltados para a formação de plateia, estimulando e promovendo novas práticas.

Por suas características, o consumo de bens culturais gera sistemas simbólicos com os quais o público se diferencia entre si, por meio do capital cultural e de seus três estágios, como aponta Bourdieu²⁰: o incorporado como um complexo de comportamentos, crenças e valores, constituído pela origem e processo educacional formativo; o conquistado por meio de bens materiais; e o desenvolvido por meio certificados, diplomas e titulações. No CCBB, o visitante encontra um universo lúdico cujo modelo visa à concentração, ao acúmulo de público, tendo em vista o fluxo de pessoas ser sinônimo de sucesso para a instituição.

eleitoral – de Fernando Henrique Cardoso para Luís Inácio Lula da Silva, entre 2002 e 2003, deste para Dilma Rousseff, entre 2010 e 2011, e de Michel Temer para Jair Bolsonaro, entre 2018 e 2019. O prédio ainda hospedou o *staff* e o próprio gabinete presidencial de Lula, entre 2009 e 2010, devido a reforma no Palácio do Planalto. Suas salas abrigaram ainda secretarias da Presidência da República com *status* de ministérios nos governos Lula, Dilma e Temer, como a Secretaria de Aviação Civil e a Secretaria de Política para Mulheres.

¹⁷ BESSONE, Magali. Exclusão: excluído e marginalizado. In A. MONTANDON (Org.). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac, 2011, p. 1089-1102.

¹⁸ BESSONE, Magali. Exclusão: excluído e marginalizado. *Op.cit.*, p. 1090

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

²⁰ BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 1996.

Esse estabelecer-se entre gerações, como faz a chamada civilização, mantendo-se em constante movimento, remete ao pensamento do sociólogo Norbert Elias²¹, para quem processo não significa progresso, mas dinâmica social que se estabelece no seio das diversas sociedades. Tome-se ainda as formas de relação do indivíduo com o mundo, as quais vêm se transformando nesses tempos de modernidade líquida, no qual a civilidade humana vivencia transformações, com tempo e espaço deixando de ser concretos e absolutos para serem líquidos e relativos²².

No CCBB Brasília, o visitante é visto sob perspectivas diversas, do convidado de honra ao mais singelo ocupante de um espaço que se propõe a ser referência no campo artístico-cultural do país. No âmbito deste estudo, trata-se de uma relação cultural estabelecida sob a égide da acolhida por meio da arte.

A hospitalidade que nos move

Vem do pensamento grego a obstinação pelo universo ordenado, com a ordem (*Cosmos*) se opondo a desordem (*Caos*). Passam-se séculos e a sociedade moderna estabelece que tudo é passível de inquirições, com a desarmonia podendo ser compreendida como base para a ordenação (darwinismo).

No fundamento, a mitologia grega, cujas histórias chegaram até nós enaltecendo o apreço dos deuses pela hospitalidade, com recompensa para os hospitaleiros – como o casal Filêmon e Báucis – e punição para os que praticam a inospitalidade – rei Licáon, da Arcádia. “Esse caráter universal e humanista” da hospitalidade “é um dos grandes fundamentos do conceito tal como ele se construiu ao longo dos séculos.”²³.

Também na literatura dramática a hospitalidade, enquanto temática de estudo, por sua relevância no contexto das mais diversas sociedades, é encontrada em tragédias e comédias. “Anfitrião”, de Plauto (254 a.C.–184 a.C.), inspirou a peça homônima de Molière (1622-1673) e o escritor e teatrólogo brasileiro Guilherme Figueiredo (1915-1997) em “Um Deus Dormiu Lá em Casa”. Dessa fonte beberam diversos outros autores. Dono de abordagens controversas sobre o tema, Shakespeare (1564–1616), o bardo, vai da apresentação de rituais do bem receber às intrigas culminando, inclusive, com o assassinato, pelos anfitriões, de hóspede ilustre, como ocorre com o rei Duncan no célebre “Macbeth”. No conto etíope “Quem é o rei?” um pobre camponês torna-se amigo do governante por

²¹ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990; e Elias, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

²² BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

²³ MONTANDON, Alain. Introdução: Mitos, Figuras e Representações. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac, 2011, p. 713.

acolhê-lo bem, mesmo desconhecendo sua verdadeira identidade. E no que se tornou muito comum no século XX, uma obra literária e sua versão cinematográfica, o poeta e cineasta italiano Pier Paolo Pasolini (1922–1975), em “Teorema” (1968), narra a chegada de um visitante que perturba completamente a ordem estabelecida na casa de uma família burguesa.

Fato é que, ao longo dos séculos, diversos autores como os citados acima, bem como Antônio Cândido (1918-2017) – em “Parceiros do Rio Bonito” – e os pesquisadores Pedro de Alcântara Bittencourt César e Conceição Malveira Diógenes, embora não sejam historiadores, problematizaram e investigaram o acolhimento por meio de uma abordagem histórica, dando ênfase aos aspectos cotidianos do mesmo. Nas obras, as agruras e felicidades de um *host*, as virtudes e os vícios que envolvem a arte do acolhimento, propiciando ao público leitor ou espectador, risos e lágrimas, dentre outras inusitadas sensações. E tudo permeado pela cultura de cada tempo e lugar.

Acolher o olhar do outro e indicar a ele a existência de outras miradas são modos hospitalares aos quais o Centro Cultural Banco do Brasil Brasília se volta, por meio, por exemplo, do Programa Educativo. Nesse projeto, crianças, adolescentes, jovens e adultos são convidados a apreciar as obras expostas com o auxílio da história e das curiosidades nela contida. “O objetivo de contemplar obras de arte não é aprender a reagir exatamente como reagiu determinado artista”, asseguram Botton e Armstrong²⁴, ao mesmo tempo em que defendem a importância de “descobrirmos o que nos agrada” para, destarte, “levarmos as nossas experiências a sério e sermos seletivos nos nossos entusiasmos [...]”.

Nessa manifestação do divino expressa pela palavra ‘entusiasmo’, cuja etimologia remete ao arrebatamento de quem está sob inspiração deífica, tem-se o convite, a acolhida, a lembrar que “não pode haver gesto de hospitalidade, no sentido etimológico do termo, sem desigualdade de lugar e de *status* entre *hospedeiro* e *hóspede*: um está no interior, é o dono da casa, sedentário, aquele que recebe; o outro vem do exterior, está de passagem, é recebido.”²⁵

O ambiente do CCBB DF é composto por um amplo espaço ao ar livre, além de um edifício concebido por Oscar Niemeyer (1907-2012) que abriga galerias expositivas, teatros e cinema, bem como serviços gastronômicos.

Receber bem, portanto, é uma condição existencial permanente face às circunstâncias sociais (seu patrono é um banco de economia mista; logo, ao mesmo tempo público e privado), às pressões da opinião pública (do espaço espera-se sempre o melhor e a demarcação do que é ou não arte, do que se produz atualmente nesse campo), aos valores impostos pelos meios de

²⁴ BOTTON, Alain de; Armstrong, John. *Arte como terapia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014, p. 132.

²⁵ GRASSI, Marie-Claire. *Hospitalidade*. *Op. cit.*, p. 45.

comunicação (a mídia está constantemente em busca de notícias, de novidades, de *cases* de sucesso) e às convenções acadêmicas (os projetos espelham os estudos desenvolvidos e os pautam). Esse bem receber vai motivar o retorno ou não ao local visitado, a vontade ou não de divulgar o espaço, o despertar do afeto para com quem o recebe.²⁶

O CCBB Brasília sabe da importância de acolher seu visitante. Essa premissa se dá desde o modo de comunicar seus projetos, ao informar, estimular e incentivar o público a visitar seu espaço, até a despedida do último frequentador do dia. Sua existência depende desse convidado, pois tanto na ‘vida real’ quanto na ficção, paga-se um alto preço quem não trata seu hóspede com zelo. E isso é cultural. Mas de que cultura estamos falando? É o que se verá a seguir.

Permanências e transitoriedades: a cultura como processos de resignificação

Atores ‘da’ e ‘na’ história, as pessoas, e, por comutação, as comunidades, são ativos e passivos do que se convencionou a chamar civilização. Tal conceituação europeizante esbarra na ideia de cultura como algo que deve ser cultivado e cuja origem vem do verbo grego *colere*, ou cultivar²⁷. Com a dominação romana, o termo passou do significado agrário para o intelectual e um conjunto de valores acabou por se formar. É desta cepa a constante na introdução de Tylor (*apud* BURNS)²⁸, para seu livro *Primitive Culture* (1871), do “todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, lei moral, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como um membro da sociedade”.

Nessa perspectiva, cultura tem a ver com valores herdados e disseminados entre gerações, com padrões de costumes e comportamentos. Essa, portanto, estabelece uma clara diferença entre o que pode ser obtido biologicamente e o que pode ser conquistado pela aprendizagem. Entretanto, teóricos vêm argumentando que todas as culturas mudam justamente por conta da dinâmica própria das sociedades e em resposta ao ambiente sucessivamente sujeito, no tempo, à tecnologia básica da vida moderna. Entende-se, assim, que o significado de cultura ultrapasse o âmbito da associação com a total matéria, sendo relacionado à interação entre pessoas, à assimilação e ao acúmulo de conhecimentos que podem ser transmitidos de uma geração a outra.

²⁶ OLIVEIRA, Adelaide Cristina Nascimento de. *O CCBB como anfitrião: uma reflexão sobre o turismo e a hospitalidade a partir do discurso proferido pelo Centro Cultural Banco do Brasil Brasília no site e no Facebook*. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade de Brasília. Brasília, 2016, p.27. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/20055>. Acesso em: 27 jan. 2021.

²⁷ BOSI, Alfredo. Professor Alfredo Bosi. [Entrevista a Sandra Lencioni]. *Revista de Cultura e Extensão USP*, 2005, p. 126-140. Disponível em: <https://prceu.usp.br/revistaculturaextensao/wp-content/uploads/2013/12/revistausp0.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2021, p.3.

²⁸ BURNS, Peter M. *Turismo e Antropologia: uma introdução*. São Paulo: Chronos, 2002, p.75.

Para Bhabha²⁹, as “significações sociais estão elas mesmas sendo constituídas no ato da enunciação (...)”. Elas se manifestam enquanto resistências nesses processos nos quais os discursos performam totalidades sistêmicas para explicar a dinâmica da cultura, como propõe Tylor³⁰. Segundo Bhabha, os sentidos e significados da cultura se redefinem potencialmente a cada ato da enunciação. Assim, a significação do signo está sempre sendo reinscrita nas práticas sociais inscritas no tempo e no espaço social.

Na literatura, há diversos autores que procuram chegar a um conceito de cultura que assegure sua importância, mesmo argumentando sobre a impossibilidade de formação de uma conceituação única a abarcar toda sua completude. Dentre esses, Geertz destacou-se, tornando-se referência da antropologia interpretativa e simbólica ao defender uma perspectiva que perpassa a transitoriedade das definições e não um suposto enfraquecimento de identificações anteriores, o que levaria a superposições de juízos. Desse modo, faz fluir seu pensamento ao constatar que, enquanto os iluministas pensavam “x” sobre algo, hoje pensa-se outra coisa. “É uma ciência estranha, cujas afirmativas mais marcantes são as que têm a base mais trêmula”³¹, reflete, sem se abster de criticar o senso comum e a pressupor a existência de um processo de interpretação relacionado a múltiplas linguagens e realidades. Como afirma Bhabha:

Este jogo disjuntivo de símbolo e signo torna a interdisciplinaridade um exemplo do momento fronteiro da tradução, descrito por Benjamin como “estrangeiridade das línguas”. A “estrangeiridade” da língua é o núcleo do intraduzível que vai além da transferência do conteúdo entre textos ou práticas culturais. A transferência de significado nunca pode ser total entre sistemas de significados dentro deles, pois “a linguagem da tradução envolve seu conteúdo como um manto real de amplas dobras... inadequada para seu conteúdo, dominante e estrangeiro.”³²

Bhabha, ao discorrer sobre a questão, possibilita o questionamento da totalidade ou originalidade da cultura, ao tornar os efeitos e valores (sejam eles político, social e cultural) completamente incomensuráveis com as tradições de interpretação teológica ou histórica dos sistemas culturais. Ao pensar a cultura, tanto Geertz quanto Bhabha refletem sobre as possibilidades de apropriação e reapropriação discursiva dos sujeitos como formas de emancipação no campo da política, pois nos processos de significação e ressignificação é possível questionar os sentidos que atribuem autoridade aos sistemas culturais que se colocam no mundo social. À medida que toda ação social é também uma ação cultural, então

²⁹ BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Op. cit., p.230.

³⁰ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Op. cit.

³¹ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Op. cit., p.39.

³² BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Op. cit., p. 230.

é factível afirmar que as práticas sociais expressam sempre um significado. Dessa maneira, ao significarem algo, elas possuem uma dimensão cultural. Assim, pode-se afirmar que as práticas política e econômica inscrevem uma dimensão cultural.

Geertz, conquanto não refute a força criadora da embrionária manifestação de Tylor, do “todo mais complexo” da cultura, defende que tal conceituação pode muito mais intrigar que elucidar a questão. Nem por isso se aproxima da perspectiva de Bauman, mesmo sendo ambos pouco afeitos às metodologias universais, ainda que sejam favoráveis às formulações de Claude Lévi-Strauss (1908-2009) sobre a trivialidade da concepção de cultura enquanto sistema. Assim como a cultura, a hospitalidade – seu dever, seu direito, sua política, sua poética, sua ética, como a concebe Derrida³³ – se insere num sistema de significações que dialoga com teóricos da Teoria Antropológica, ao defenderem a importância de se estudar o passado para compreender o presente.

Todo fator que se observa tem seu processo histórico

A ideia de cultura como movimento e não assertividade encontra ecos em Bauman. O autor não se esquivava de reexaminar seus próprios enunciados em retrospectiva, reconsiderando e remodelando suas premissas. Se outrora o sociólogo polonês depreendia cultura como um fenômeno objetivo, e assim fundamentava sua tentativa de elucidar as contradições – por presumir que as incoerências observadas eram fruto de “falhas analíticas” e, portanto, “corrigíveis”, na reedição, 30 anos depois, de seu livro “Ensaio sobre o conceito de cultura”, ele se deparava com a impossibilidade, não só de eliminar a ambivalência do discurso da cultura, como passava a alertar o leitor para o fato de que tal paradoxo é inerente à própria ideia de cultura. Nesse percurso, o pesquisador toma a história “como a *causa* da ‘condição humana’, e não como o *caso* que a exemplifica”³⁴.

Nessa perspectiva, percebe-se que Bauman conversa com as abordagens que tratam do dinamismo da cultura, “tema perene da incansável reflexão humana”³⁵, assim como Elias³⁶. Este, ao trazer à análise o processo civilizador das sociedades, mostra o quanto nos habituamos a fantasiar que determinada forma ou maneira de contato é mais adequada porque expressa mais fielmente a natureza humana. E então se opõe a essa ideia, ao se dar

³³ DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.

³⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Ensaio sobre o conceito*. Op. cit., p.15.

³⁵ LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986, p.63.

³⁶ ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Op. cit.

conta de que o âmbito das relações sociais estão intrinsecamente atadas ao “condicionamento” e ao “adestramento”³⁷.

Ora, o frequentador conhece as regras do CCBB e opta por segui-las ou infringi-las, sabendo quais são as disposições e regras de receptividade do anfitrião. O público de 1.476.744 visitantes alcançado em 2014³⁸ foi uma conquista que levou mais de 14 anos – dois anos antes haviam comparecido ao espaço 1.215.763 pessoas, ou seja, expressivos 260 mil visitantes a menos³⁹.

Além da programação voltada para um público mais amplo, essa aceitação deve-se à divulgação, intensificada pela mídia em geral bem como pela internet e o espaço conquistado pelas redes sociais⁴⁰.

Há de se considerar ainda sua forte penetração nos lares, nas escolas, no dia-a-dia do cidadão. “A relação de hospitalidade põe em jogo não dois indivíduos, mas duas categorias de atores: membros permanentes fortemente organizados entre si e o hóspede, que deve se introduzir numa organização doméstica [...]”⁴¹

Nesta perspectiva do acolhimento, enquanto frequentadores, os brasilienses reconhecem o Centro como *seu* e nele procuram estar como visitantes, participando ativamente das ações de lazer e entretenimento oferecidas, bem como apropriando-se das áreas disponíveis para celebrar aniversários, realizar piqueniques e encontros diversos. De certa forma, é um hóspede que se torna anfitrião, correndo-se o risco de com este se confundir.

Inclusão e exclusão cultural: acolhida da diversidade

Inaugurado por meio de obras nacionais⁴², o CCBB DF mantém em sua programação a brasilidade como um de seus principais atrativos. E isso se reflete nos seus editais de

³⁷ Na Psicologia, “condicionamento” é um processo de aprendizagem por meio do mecanismo estímulo-resposta e consequente mudança comportamental, enquanto “adestramento” tem a ver com aprendizagem por meio das relações de causa e efeito.

³⁸ THE ART NEWSPAPER. Visitor Figures 2014: The grand totals: exhibition and museum attendance numbers worldwide. *The Art Newspaper*, n. 267, p. 15, abr. 2015. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2015/04/TheArtNewspaper_Ranking2014.pdf. Acesso em: 27 jan. 2021.

³⁹ THE ART NEWSPAPER. Special Report: Visitor Figures 2012. *The Art Newspaper*, n. 245, p. 15-29, abr. 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/245018388/visitor-figures-2012-exhibition-museum-attendance-survey> Acesso em: 27 jan. 2021.

⁴⁰ Em 2013, o CCBB Brasília contava com 100 mil curtidas. Em maio 2020, 177.410 pessoas seguiam a página e em janeiro de 2021, o número de usuários caiu para 175.494. Fonte: CCBB *Sobre*. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/ccbbbrasil/abou/>. Acesso em: 26 jan.2021.

⁴¹ GOTMAN, Anne. França contemporânea: uma bricolagem pós-moderna. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac, 2011, p. 104.

⁴² O CCBB foi inaugurado em 12/10/2000 com as exposições “Amílcar de Castro” e “Arte Popular – Brasil + 500 – módulo da Mostra do Redescobrimento”, com a peça “O Aventura”, dirigida por Amir Haddad, a série musical “Contraponto

seleção de patrocínio a projetos – ainda que o recorde de visitação pertença a uma exposição estrangeira, a da arte contemporânea da japonesa Yayoi Kusama, cuja retrospectiva, “Obsessão Infinita”, em 2014, foi vista por mais de dois milhões de pessoas nas américas do Sul e Central, das quais 471.730 registradas no CCBB Brasília, levando a unidade a figurar no Top 20 (ficou em 11º lugar) das exposições mais vistas do mundo⁴³.

O Eixo Curatorial do Edital 2013/2014 previa que a programação deveria “estimular a reflexão e a experiência do público e o compromisso com a sustentabilidade e com a inclusão social”, bem como valorizar “a memória e a diversidade da cultura brasileira” por meio de “temas relevantes da sociedade contemporânea”⁴⁴. Dentre as propostas selecionadas e exibidas posteriormente no CCBB Brasília estão a exposição “Experiência da Arte – Série Arte para Crianças” (de 24 de maio a 11 de agosto de 2014), os shows do projeto “Invasão baiana” (1º a 16 de fevereiro de 2014), o espetáculo “Cássia Eller, O Musical” (de 5 a 22 de dezembro de 2014 e de 09 a 26 de janeiro de 2015), e a mostra cinematográfica “O novo cinema pernambucano” (de 04 a 28 de junho).

Na visitação, esse que chega ao território do outro deve sentir-se incluído e adaptado ao ambiente. Para tanto, conta também com a educação e a capacitação dos profissionais e dos membros da sociedade que o recebem, numa construção de familiaridade, primeiro senso de acolhimento do ser humano. Na interpretação de Gilberto Freyre, dentro de casa é que se forja uma maneira de dialogar, amar, cozinhar, comer, educar as crianças, se relacionar com as pessoas, sofrer opressão e exercer o controle da situação. É parte desse cenário hospitaleiro que o visitante encontra no CCBB Brasília, ao se reconhecer no espaço:

[...] O que nomearia, de fato, a língua, a língua dita materna, aquela que carregamos consigo, aquela que nos carrega do nascimento à morte? Não parece aquele lar que não nos abandona nunca? O próprio ou a propriedade, pelo menos o *fantasma* de propriedade que, no mais perto do nosso corpo, e nós sempre ali voltamos, daria lugar ao lugar mais inalienável, uma espécie de hábitat móvel, uma roupa ou uma tenda? A tal língua maternal, não seria ela uma espécie de segunda pele que carregamos, um *chez-soi* móvel? Mas também um lar inamovível, já que ele se desloca conosco? ⁴⁵

Na seleção seguinte, o Edital 2015/2016 versava as premissas da curadoria, notadamente de valorização da brasilidade: “a) nova produção cultural brasileira; b)

Cerrado” e as “Rodas de leitura”, tendo como primeiro convidado o poeta Ferreira Gullar. Também quando da abertura da sala de cinema, em 2003, a mostra escolhida era essencialmente nacional, “Brasília 24 Quadros”.

⁴³ THE ART NEWSPAPER. Visitor Figures 2014. *Op. cit.*

⁴⁴ BANCO DO BRASIL. *Edital de Seleção de Projetos Culturais 2013/2014*. 2012. Disponível em: <http://www.bb.com.br/docs/pub/inst/dwn/EditalCCBB1314.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2021.

⁴⁵ DERRIDA, Jacques. *Anne Dufourmantelle*. *Op. cit.*, p.81.

valorização da memória cultural brasileira; c) significativa expressão artística nacional e internacional; d) possibilidade de ações multidisciplinares; e) ineditismo da proposta.”⁴⁶

Observa-se que pelo menos três dos cinco itens aos quais a curadoria deveria estar atenta quando da análise das propostas inscritas, fazem clara referência à produção nacional. Essa premissa já era evidente no exórdio do documento:

O Centro Cultural Banco do Brasil orienta-se pela atuação como agente incentivador da cultura brasileira, oferecendo à sociedade significativas expressões artísticas, proporcionando experiências interativas e transformadoras, contribuindo para a formação e o desenvolvimento cultural da sociedade brasileira.⁴⁷

Pode-se considerar, portanto, a função estratégica da comunicação em torno da brasilidade que o CCBB comunica. O público, por sua vez, ao reconhecer-se nos eventos, sente-se integrado ao Centro, recepcionado por elementos que lhe são familiares. “Já que não é possível considerar cada hóspede como indivíduo, busca-se considerá-lo incluído em grupos [...]”⁴⁸.

E, como ser social, esse convidado ilustre, o visitante, aproxima-se daquele “espaço multidisciplinar” predestinado a inserir a capital federal no circuito dos principais projetos culturais do país sem saber-se elemento principal dessa dependência. O lazer organiza-se na réplica das relações sociais: “O lugar é apenas o que pode ser visto, fotografado e depois esquecido.”⁴⁹

Presente no inconsciente coletivo, o CCBB Brasília está vinculado à ideia de lazer do cidadão brasiliense, sendo uma referência direta quando se trata do aspecto conectivo da arte com a cultura. “Como espaço pluridisciplinar, não exclui sua identificação com o condicionamento e o adestramento do visitante” pois, “ao mesmo tempo em que o anfitrião concede ao hóspede liberdade, esta é vigiada por um poder disciplinar e regulador”.⁵⁰

É nesse nexos, com relações constituídas a partir da alteridade, que o CCBB se consolida. Na sociedade pós-moderna, marcada “pela globalização do mercado e da informação”, além de “diferentes identidades, diferentes memórias, diferentes patrimônios

⁴⁶ BANCO DO BRASIL. *Edital de seleção pública de projetos culturais 2015/2016*. 2014. Disponível em: <http://culturabancodobrasil.com.br/portal/wp-content/uploads/2014/08/EDITAL-DE-SELE%C3%87%C3%83O-DE-PROJETOS-CULTURAIS-2015-2016-Patroc%C3%ADnio-e-Cess%C3%A3o-final-SAC.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2015, p.8.

⁴⁷ BANCO DO BRASIL. *Edital de seleção pública*. *Op. cit.*, p.1.

⁴⁸ CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Apresentação à edição brasileira: O estudo da hospitalidade. In: MONTANDON, Alain (Org.). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Senac, 2011, p. 21-22.

⁴⁹ YÁZIGI, Eduardo; Carlos, Ana Fani; Cruz, Rita de Cássia Ariza da (Org.). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996, p.32.

⁵⁰ OLIVEIRA, Adelaide Cristina Nascimento de. *O CCBB como anfitrião*. *Op. cit.*, p.72.

e por uma cultura transnacional, com seus viajantes virtuais”⁵¹ o espaço produzido é homogêneo e excludente.

É preciso lembrar, porém, que a globalização não é um fenômeno hodierno. É, antes, uma manifestação ocidental e desequilibrada, porque trata como iguais os desiguais. O visitante do CCBB DF, vale lembrar, não precisou viajar à Europa para admirar pinturas dos incomparáveis Da Vinci, Raphael, Veronese, Ghirlandaio, Michelangelo, Donatello, Bellini, Botticelli, dentre outros, pois a elas teve acesso por meio da mostra “Mestres do Renascimento: obras-primas italianas”⁵².

De caráter complexo, como é característico de todo e qualquer fenômeno, a globalização abrange da economia política às ideologias culturais, despertando as mais distintas ponderações. A mais resumida relaciona-se à expansão econômica europeia, com as conquistas além-mar. Em tempos recentes, com a expansão e as intervenções econômicas particularmente dos Estados Unidos da América, acaba tendo como uma de suas facetas o ‘imperialismo cultural’, pelo predomínio especialmente do cinema nas telas de todo o mundo. Yúdice⁵³ sustenta que o argumento do ‘imperialismo cultural’ foi criticado, principalmente, por três motivos: por desconsiderar “a subordinação das minorias internas (...) quando questionam a agressão simbólica do poderio imperial”; pelas complicações geradas pelas diásporas e migrações, complicando “a unidade que se presumia existir na nação”; e pelo hibridismo cultural.

Ao ocupar-se da globalização, Burns⁵⁴ pondera que a comunicação eletrônica e instantânea ainda não está ao alcance de todos – e mais, que ela segue sendo o grande “paradoxo da teoria da globalização” quando, mesmo com toda sua força e potência, a comunicação não amplia o “entendimento entre as nações”⁵⁵ Segundo o autor, apesar de o nome indicar o contrário, a globalização possui características elitistas que acabam por excetuar os excluídos do acesso à tecnologia e ao poder.

Vamos voltar à etimologia do termo exclusão. É excluído aquele que é mantido fora. Fora de quê? Do espaço dos incluídos. [...] Os excluídos, em geral, ficam fora de certos circuitos, mas integrados a outros. Eles não estão fora da sociedade, mas bem dentro da sociedade. Se não estivessem no interior da sociedade, não seriam excluídos, estariam simplesmente em outro lugar. [...]⁵⁶

⁵¹ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Cultura é patrimônio: Um guia*. Rio de Janeiro: FGV, 2008, p.187.

⁵² BANCO DO BRASIL. *Renascimento no CCBB*. 2013. Disponível em: <http://www.renascimentonocccb.com.br/>. Acesso em: 03 mai. 2015.

⁵³ YÚDICE, George. *A conveniência da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p.51.

⁵⁴ BURNS, Peter M. *Turismo e Antropologia*. *Op. cit.*, p.147.

⁵⁵ *Ibidem*, p.148.

⁵⁶ BESSONE, Magali. *Exclusão*. *Op. cit*, p. 1096-1097.

O CCBB, por meio de sua programação e pela comunicação via redes sociais, parece entender, assim como Bessone, que todos são passíveis de serem ‘tocados’. Desse modo, à medida que o espaço utiliza de meios com vistas a incluir – e não excluir – visitantes, acaba por não concordar com a teoria de Burns.

Mas, afinal de contas, quem detém o poder de definir o *status* do incluído e do excluído em um espaço cultural? Essa questão, para além da semântica, está muito distante de ser resolvida e por sua inerente complexidade não terá, neste artigo, sua discussão ampliada. No entanto, não se pode deixar de antever que sua percepção parte do ponto de vista daquele que detém o poder da fala pois, mesmo que seu interesse seja acolher, há quem não se adapte ao menu oferecido.

Também não se deve perder de vista que, cria da indústria financeira, posto ser fruto direto de uma instituição bancária, o CCBB sobrevive do capitalismo em sua dimensão metafísica, adotando o que preconizou Adam Smith⁵⁷ quanto ao capitalismo de mercado ser muito mais que seu viés puramente econômico:

A iniciativa do Banco do Brasil em abrir centros culturais se inscreve [...] no contexto de mudanças que ao longo das últimas décadas vem sendo objeto de estudos no campo das ciências humanas e sociais. As análises produzidas tratam do surgimento de um novo cenário socioeconômico e cultural, característico do processo de acirramento ou de mutação do capitalismo [...]⁵⁸.

Reintroduz-se, neste contexto, Williams⁵⁹, para quem a cultura está na totalidade do processo social, com o indivíduo em contínua associação com a sociedade. Utilizando-se essencialmente das artes, ele questiona: por que o movimento artístico radical do século XX perdeu sua postura antiburguesa, virou ideologia e foi integrado ao novo capitalismo internacional? É essa a pergunta de fundo dos seus ensaios reunidos, nos quais usa o termo “convergência” da língua, da realidade, para definir “cultura” – enquanto nega a proposição da Escola de Frankfurt, justificando que esta pressupõe a superioridade da cultura dita da “elite” em relação às demais culturas.

E cultura para os frankfurtianos, como lembra Renato Ortiz⁶⁰, “não significa práticas, hábitos ou modo de vida”, é *Kultur* ao modo alemão, associado à “arte, filosofia, literatura e

⁵⁷ SMITH, Adam. *Teoria dos sentimentos morais*. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

⁵⁸ VIEIRA, Marco Estevão de Mesquita. *Distinção, cultura de consumo e gentrificação: O Centro Cultural Banco do Brasil e o mercado de bens simbólicos*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de Brasília. Brasília, 2006, p.2. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/2207> Acesso em: 27 jan. 2021.

⁵⁹ WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. *Op.cit.*

⁶⁰ ORTIZ, Renato. A Escola de Frankfurt e a Questão da Cultura. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.1, n.1, p. 1-22, 1986. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/publicacoes-sp-2056165036/rbcs/236-rbcs-01>. Acesso em: 27 jan. 2021.

música”. A cultura teria, assim, uma “dimensão de autonomia” e “caráter universal”, “o mundo espiritual, que se integra ao mundo material” e “perde sua dimensão ‘transcendental’ (alienante) que a colocava como uma resistência, uma barreira à expansão do processo de racionalização”.

No CCBB DF, subentende-se que o termo cultura seja identificado à arte em suas diferentes formas de expressão, tanto que a programação inclui projetos nas áreas de música, teatro, artes plásticas, cinema, dança, ideias e arte-educação. Nessa concepção, o lazer e o entretenimento superam qualquer outro conceito sobre tão controversa terminologia. Ao mesmo tempo, não se pode simplesmente conjecturar que tal significado constitua redução do termo. Na literatura acadêmica, cada uma das áreas destacadas ganha dimensões ímpares por parte de pesquisadores, na tentativa justamente de encontrar parâmetros para tais fenômenos que revivem, renascem e se fortalecem em diferentes fases. Por seu caráter acolhedor, a arte e quem a faz e produz repercute nessa perspectiva.

Inserido no circuito mundial dos centros/museus mais visitados do mundo⁶¹, o CCBB DF reflete uma realidade que é nacional. Pesquisa realizada ao longo de 2014, no Brasil, registra a hospitalidade, com 97,2% de aprovação, como a característica mais marcante para os turistas estrangeiros que visitaram o país naquele ano⁶².

Assim, outra vertente que deve ser lembrada é o da cultura transplantada, mestiça: “Mas, cabe perguntar, que cultura não é híbrida, que cultura é verdadeiramente autóctone?”⁶³ Em seu guia sobre cultura e patrimônio, Oliveira não questiona essa premissa, aceita-a. E narra o caminho que a sociedade brasileira tem percorrido na formação de sua cultura singular, nem por isso linear.

As (in)coerências do discurso na composição da cultura hospitaleira

A linguagem e seu funcionamento, no horizonte promotor do encontro da cultura com a hospitalidade, são essenciais, a começar por Ferdinand de Saussure (1857-1913), ao demarcar o início da descrição do conjunto de regras da comunicação, com postulações

⁶¹ O CCBB DF foi o segundo museu/centro cultural mais visitado do Brasil e o 43º no mundo no ano de 2012, de acordo com o ranking da publicação inglesa *The Art Newspaper* publicado em abril de 2013, ao registrar 1.215.763 visitantes. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/245018388/visitor-figures-2012-exhibition-museum-attendance-survey>. Acesso em: 27 jan. 2021.

⁶² Pesquisa divulgada pelo Ministério do Turismo em 18 de novembro de 2015, em parceria com a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe), na qual foram ouvidos 44.080 entrevistados, mais de 10 mil turistas, apenas durante a Copa do Mundo, em 15 aeroportos brasileiros e 10 fronteiras terrestres, representando mais de 90% do fluxo terrestre internacional. VICÁRIA, Luciana. (2015, novembro). Hospitalidade do brasileiro é destaque na avaliação dos turistas internacionais. *Ministério do Turismo*. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/lazer-e-a-principal-motivacao-do-estrangeiro-que-visita-o-brasil-revela-estudo>. Acesso em: 26 jan. 2021.

⁶³ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Cultura é patrimônio*. Op. cit., p.8.

teóricas que estabeleceram o objeto da Linguística. Suas revolucionárias classificações para os signos ou unidades significativas, o significante e o significado, estabeleceram uma dicotomia entre a língua, sistema abstrato e ideal, potencial, e a fala, “ato linguístico material e concreto” – ou seja, “o uso que cada indivíduo faz da língua”⁶⁴. Para Saussure, língua e fala não podem ser excluídos da linguagem, uma vez que esta “só existe como atividade”⁶⁵ – sendo um imprescindível componente da cultura, cabe acrescentar.

Estudos avançaram, tendo como um desses expoentes Mikhail Bakhtin (1895-1975), ao tratar e conceber “a língua como algo concreto, fruto da manifestação individual de cada falante”⁶⁶. Desse modo, o russo valorizava não somente a fala, mas o lugar de fala, a intencionalidade. Em comum, ambos – Saussure e Bakhtin – concebiam a língua como um fato social, cuja existência se fundamenta nas necessidades de comunicação. Mas é na condição de “antípoda de Saussure” que Bakhtin buscou estudar seu objeto, a linguagem, a qual está em constante processo, não se submetendo, como a língua, na linguística saussuriana, “a uma forma fixa e imutável”⁶⁷.

Esse contexto integra a materialidade da linguagem, na forma como a concebe Bakhtin⁶⁸, ao inserir o *interlocutus* não como um elemento passivo na constituição do significado da mensagem, mas essencial, posto que tanto aquele que fala quanto aquele que recebe a mensagem atuam efetivamente nas relações de comunicação.

Segundo Chartier, é importante “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler”⁶⁹. As representações não são estáticas, elas se ancoram em contextos sociais, os quais são marcados pelo tempo, pela cultura e segundo as disposições dos grupos ou classes sociais. Embora aspirem a universalidade, não deixam de ser determinadas pelos interesses dos coletivos que as forjam. Pensar as representações é pensar em um jogo disjuntivo de símbolo e signo, haja vista o poder e a dominação estarem sempre presentes. Por se realizarem na linguagem e não serem discursos neutros, produzem estratégias e práticas que geralmente referendam uma leitura de mundo de modo a legitimar escolhas. Situadas no campo da concorrência e da luta, as representações sociais procuram legitimar concepções de mundo social, de forma que os

⁶⁴ BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012, p.108.

⁶⁵ *Ibidem*.

⁶⁶ *Ibidem*.

⁶⁷ RIBEIRO, Ana Elisa; Coscarelli, Carla. Viana. (Org). *Letramento Digital: Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

⁶⁸ BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 2009.

⁶⁹ CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Col. Memória e sociedade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p.16.

conflitos culturais e sociais se tornam tão importantes quanto as contendas econômicas; por fim, são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais⁷⁰.

E, assim, abrem-se as chaves para a abordagem de duas vertentes que vão influenciar a Análise de Discurso de corrente francesa: ideologia⁷¹, na perspectiva de Louis Althusser (1918-1990), e discurso, sob a concepção de Michel Foucault (1926-1984). Essa ideologia, que do ponto de vista de Karl Marx (1818-1883) é percebida como consciência falsa e não dotada de história ou memória, é, em parte, compartilhada por Althusser. O filósofo francês adverte, porém, que, mesmo ilusória, ela [a ideologia] refere-se à realidade – para tanto, basta interpretá-la.

Em outra ponta dessa discussão está Foucault. Embora tenha sido filósofo e não linguista, o teórico influenciou e continua a inspirar pesquisadores dos mais diversos ramos ao apregoar que a construção de um objeto do saber deve levar o investigador a interrogar o próprio discurso sobre suas regras de formação. Em seu trabalho, o francês define o que vem a ser discurso, formação discursiva, enunciado, enunciação, função enunciativa – conceitos fundamentais para uma análise de discurso. Uma afirmativa a considerar, neste momento, é sua defesa sobre a existência de processos internos de controle e delimitação do discurso, no qual determina: o autor é a unidade e a origem das significações do discurso, o núcleo de sua coerência.

[...] O autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. [...] ⁷²

Para Foucault, o autor é responsável pelo texto que produz e não limita sua função a um quadro restrito e, conseqüentemente, privilegiado, de produtor original da linguagem. Nessa conjuntura, Orlandi⁷³ amplia a noção de autoria para o uso corrente, enquanto função discursiva do sujeito, dessemelhante da de enunciador e de locutor. A linguagem, assim, torna-se lugar da constituição da subjetividade, enquanto o sujeito ocupa posição privilegiada, posto encontrar-se no espaço discursivo criado da relação com os outros (interlocutor e mensagem).

⁷⁰ CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Op. cit., p.17.

⁷¹ Helena Brandão (op. cit.) adverte que o termo ideologia possui, ainda hoje, para os estudiosos, “uma noção confusa e controversa” e apresenta a abordagem de Karl Marx sobre o tema, de quem Althusser é tributário. Em sua elaboração crítica ao sistema capitalista, o autor de “O capital” emprega o termo com carga semântica negativa. Marx toma como base para suas formulações apenas dados possíveis de serem verificados empiricamente e identifica a existência da separação entre trabalho intelectual e trabalho material. A ideologia, como a concebe Marx, é um instrumento de dominação das classes dominantes e determina como uma sociedade deve pensar, sentir, agir etc.

⁷² FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p.25.

⁷³ ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso* Op. cit.

A análise do discurso nasce e desenvolve tendo como base a interdisciplinaridade, sendo seu cerne constituído pela reflexão sobre a escritura em uma articulação entre a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. Na perspectiva de Orlandi, é uma disciplina que se faz, portanto, na contradição desses três campos do saber. Sobre a Linguística, o pesquisador questiona sua atenção concentrada na língua como sistema de signos e as normas gramaticais, enquanto as ciências sociais são interrogadas por excluírem a linguagem em sua materialidade.

Assim, depreende-se que o CCBB, enquanto instituição, compõe, de um lado, uma apresentação em discurso direto e objetivo, como determina o texto contemporâneo, produzido para o veículo indicado. De outro, deixa manifesta a presença de sua estrutura ideológica, na medida em que as redes sociais reproduzem modos de fala. Nota-se que, por detrás do convite para que o visitante seja o protagonista da experiência turística, o Banco do Brasil materializa-se enquanto fomentador de cultura. Em outras palavras, a linguagem corporaliza o símbolo do Banco dentro da cultura, instituindo, desse modo, uma relação com o interlocutor-visitante.

A discursividade depende de suas relações com a conjuntura sócio-histórica, pois o discurso está relacionado à “articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos”⁷⁴. E a linguagem informal, utilizada pelo CCBB na sua comunicação pelo Facebook, é uma forma efetiva de aproximação:

Texto 1 – Dia do Trabalho

Amanhã é o Dia do Trabalho e a gente vai trabalhar com sorriso no rosto pra te receber. 😊 Quem vai aproveitar a folguinha no #CCBBBrasília bota o dedo aqui. 📌 Vem ver o tanto de coisa boa que tem: <http://bit.ly/CCBBnaopara>

Fonte: CCBB Brasília (2015)⁷⁵

Um dos feriados mais comemorados pelo trabalhador é o do dia de seu ganha-pão. Pelas cidades, diversas festividades procuram oferecer momentos de descontração para todo aquele que, de uma maneira ou de outra, ajuda no desenvolvimento da economia da nação. O CCBB não é diferente, e abre as portas para seus convivas. A receptividade é explícita de

⁷⁴ BRANDÃO, Helena Hatsue Nagamine. *Introdução à análise*. Op. cit.

⁷⁵ CCBB BRASÍLIA. Amanhã é o Dia do Trabalho e a gente vai trabalhar com sorriso no rosto pra te receber. Facebook, 30 abr. 2015. Disponível em: <https://www.facebook.com/ccbbbrasil/photos/a.229081323770878/995430643802605>. Acesso em: 27 jan. 2021.

imediatamente: “Amanhã é Dia do Trabalho e a gente vai trabalhar com sorriso no rosto pra te receber. 😊”⁷⁶

O sorriso é conhecido por quebrar barreiras, por acolher, com afetividade, quem chega, esboça simpatia, emoção, e colabora para o estabelecimento de relações entre as pessoas. No texto, o gesto é ainda intimamente direcionado – “pra te” – para você, leitor/público/turista. O sorriso integra a “alma do lugar”:

Nossos valores são dominados pela concepção mecanorracionalista. Isto tem causado estragos de proporções angustiantes neste mundo. Não são tecnocratas ou banqueiros que nos ensinarão como alimentar a alma do lugar... Mas quem é esta senhora chamada Alma? [...] A alma está oculta, mas é perfeita. É o que um lugar qualquer tem de melhor. No fundo essa gente toda dá a entender que se não cuidarmos da alma, criaremos um vácuo, perderemos força e luz. Como então ousar nutrir o mundo com nossas ideias – ou presentear a humanidade – sem energia vital?⁷⁷

Cabe destacar que as pessoas necessariamente se deslocam para o CCBB DF. Pelas características da cidade e pela posição do Centro, não é um local por onde o visitante simplesmente passa e opta por conhecer. O visitante vai até lá atraído – seja pela programação, seja pela acolhida com a qual se depara, desde que recebe o convite, onde busca “um caminho condizente com o diálogo, com raízes territoriais e culturais”.⁷⁸

Esse símbolo de hospitalidade e generosidade também carrega consigo seu oposto, podendo ser confundido como signo da inospitalidade, caso o visitante detecte o gesto do receptivo como, nas palavras de Camargo⁷⁹, “riso comercial”, ou seja, aquele sorriso irônico e desconfiado. Não parece ser este o mote do Centro, ao gerir uma programação que pode ser encontrada sob a égide de “CCBBnaopara”, ou seja, de um lugar sempre disponível para receber e encontrar o visitante. Salienta-se que, mesmo nos dias de galerias e teatros fechados, o CCBB DF fica aberto e pode ser visitado em sua área externa.

“Quem vai aproveitar a folguinha no #CCBBBrasília bota o dedo aqui. 🖐️”.⁸⁰ Por meio da alusão a uma brincadeira “bota o dedo aqui”, que convida à interação, ainda que fictícia, posto que de nada adiantará o gesto, o toque na tela, o Centro aproxima-se do público. A escolha de mover-se é dele, do visitante, que é convidado, ainda, a conhecer a programação oferecida: “Vem ver o tanto de coisa boa que tem: <http://bit.ly/CCBBnaopara>”⁸¹. Em três

⁷⁶ CCBB BRASÍLIA. Amanhã é o Dia do Trabalho. *Op. cit.*

⁷⁷ YÁZIGI, Eduardo. *A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano*. São Paulo: Contexto, 2001, p.24-25.

⁷⁸ *Ibidem*, p.19.

⁷⁹ CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Apresentação à edição brasileira. *Op. cit.*, p. 25.

⁸⁰ CCBB BRASÍLIA. Amanhã é o Dia do Trabalho. *Op. cit.*

⁸¹ CCBB BRASÍLIA. Amanhã é o Dia do Trabalho. *Op. cit.*

frases, quatro expressões informais – “sorrisão”, “folguinha”, “bota o dedo aqui” e “o tanto de coisa boa que tem” – ajudam na criação de vínculos com o convidado. O dominante, por outro lado, apresenta-se na utilização do verbo no imperativo afirmativo “Vem”, ao invés do convidativo conjuntivo, o qual expressa dúvida, “Venha”.

As pessoas adquirem folgas e férias pagas, utilizando esse tempo livre em lazer, seja por meio de viagem de curta ou longa distância, seja no entorno de onde reside. Esses prazeres tornaram-se necessidade de primeira grandeza para os trabalhadores assalariados da era pós-moderna, como lembra Boyer⁸², para quem a incipiente indústria turística teria surgido das condições despontadas com a classe trabalhadora organizada e o processo de alienação do trabalho. Assim, nada como ser recebido em um espaço por outros trabalhadores assalariados “com sorriso no rosto”. Como assegura Arendt⁸³, temos, como humanos, uma condição de existência construída por labor, trabalho e ação. É nossa condição humana, que nos coloca em outro patamar, o de autores do mundo que nos cerca.

O espaço serve ao poder institucional para homogeneizar, decreta Serpa⁸⁴. Nesse sentido, observa-se que o CCBB pauta a cultura no Distrito Federal, ao apresentar um recorte para o campo da arte. Em seu discurso, deixa claro que a programação oferecida é representativa e de importância tanto para o universo artístico quanto para o público visitante. E que esse é sempre bem-vindo aos seus espaços – o virtual e o físico, como no *post* a seguir.

Texto 2 – “A experiência da arte – série arte para crianças”



SAIBA MAIS
sobre a mostra

“A Experiência da arte – Série Arte para Crianças” traz obras inéditas de destacados artistas da cena contemporânea, como Ernesto Neto, Paula Trope e Vik Muniz. A exposição interativa apresenta um importante recorte da produção brasileira, mostrando diferentes gerações e expressões artísticas, tudo desenvolvido para o público infantil. A ideia que norteia a exposição parte do conceito de que a infância contém as condições ideais para o usufruto pleno da arte, sem barreiras ou preconceitos.

Curadoria: Evandro Salles
Artistas: Paula Trope, Ernesto Neto, Cildo Meireles, Vik Muniz, Waltercio Caldas, Wladimir Dias-Pino e Eduardo Coimbra

Fonte: CCBB (2014) ⁸⁵

⁸² BOYER, Marc. *História do turismo de massa*. Bauru: Edusc, 2003.

⁸³ ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

⁸⁴ SERPA, Angelo. (2004). Espaço público e acessibilidade: Notas para uma abordagem geográfica. *GEQUSP Espaço e Tempo (Online)*, v.8, n.1, p. 21-37, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123865>. Acesso em: 27 jan. 2021.

⁸⁵ CCBB. *A experiência da arte – série arte para crianças*. 2014. Disponível em: <http://culturabancodobrasil.com.br/portal/experiencia-da-arte-serie-arte-para-criancas/>. Acesso em: 18 out. 2014.

De acordo com o informativo publicado no site, a exposição *A experiência da arte – série arte para crianças*, exibida no CCBB Brasília entre 24 de maio e 11 de agosto de 2014, no mesmo período em que o Brasil recebia a Copa do Mundo de Futebol, convocava o indivíduo a enxergar a criança existente dentro de si, enquanto exaltava a arte brasileira, num claro apelo de nacionalismo. A chamada, porém, não é clara, pois o texto, em nenhum momento, foca a criança, apesar de “tudo” ser “desenvolvido para o público infantil”. O padrão formal da comunicação no site é mantido, diferentemente da linguagem mais livre encontrada nos *posts* do Centro divulgados no Facebook.

“A exposição interativa apresenta um importante recorte da produção brasileira, mostrando diferentes gerações e expressões artísticas, tudo desenvolvido para o público infantil”, informa. No discurso, o visitante é obrigado a aceitar a afirmação de que os artistas selecionados são de “diferentes gerações” (distintas faixas etárias, diversas postulações artísticas etc.), pois não há qualquer justificativa para além dos nomes elencados tanto no texto quanto na reduzida ficha técnica. Ressalte-se ainda que somente pessoas que acompanham de modo mais ou menos próximo o universo das artes visuais conseguem assimilar significado das palavras “recorte” e “gerações”. A qualidade do que verá o visitante – e especificamente o mirim – é do próprio CCBB. “A aceitação desta simples definição muda nossas atitudes e nosso comportamento, pois a comunicação não é concordância, mas sim, compreensão.”⁸⁶

Uma criança é um convidado que está sempre acompanhado, seja pelos pais, professores ou outro responsável. Com isso, resulta ambígua a frase final, na qual os elementos textuais parecem excluir duplamente o adulto em si e sua capacidade de abstração: “A ideia que norteia a exposição parte do conceito de que a infância contém as condições ideais para o usufruto pleno da arte, sem barreiras ou preconceitos” Por conseguinte, ao buscar privilegiar o olhar da criança, desprovido de ideias pré-concebidas e de pré-julgamentos, ao mesmo tempo em que tenta equalizar o público em termos conceituais, acaba por conceber um comunicado meândrico, cuja mensagem tem a aparência de formulação, de caracterização da proposta. O fato nos leva a inferir que tal conteúdo possa ser texto da produção, tendo sido inserido na comunicação ao público sem uma preocupação com o tratamento mais descritivo ou informativo, como é característico das publicações no site do CCBB.

⁸⁶ NEVES, Ronaldo Mendes; Alexandre, Mauro Lemuel (2006). Consumo da hospitalidade na hiper realidade pós-moderna. *III Congresso Virtual Brasileiro – Administração*. São Paulo, 2006, p. 1-10. Disponível em: <https://docplayer.com.br/20413125-Consumo-da-hospitalidade-na-hiper-realidade-pos-moderna.html>. Acesso em: 27 jan. 2021, p.7.

Vale ainda destacar, no discurso proferido, as “obras inéditas de destacados artistas da cena contemporânea, como Ernesto Neto, Paula Trope e Vik Muniz”. O curioso é a ausência de Wladimir Dias-Pino. Pode-se considerá-lo, neste contexto, como um *intruso*, posto não ser ele um artista plástico, como os demais, mas um escritor. Seu livro experimental, *A ave* (composto em 1948 e artesanalmente impresso até 1956), originou uma obra interativa, por meio da qual os visitantes podiam manusear palavras retiradas de seus poemas, dando vida às suas próprias criações em forma de frases e versos.

O hóspede é visto sob seus múltiplos aspectos:

[...] Cabe frisar o sentido do verbo acolher, pois é observado nas atitudes hospitaleiras um forte desejo de querer receber, tratar ou até proteger bem o visitante, ou seja, o acolhimento é demonstrado para dar maior valor aos atos do bem receber. Os atos de acolhimento, ou melhor, o caráter hospitaleiro é um atributo especial para os que proporcionam a hospitalidade. [...] ⁸⁷

Em cada movimento, o visitante depara-se com a hospitalidade em suas mais diversas ramificações, pois essa categoria torna-se muito mais evidente do que se pressupunha. Como atesta a doutora em História e em Língua e Literatura francesa, Marie-Claire Grassi, “a hospitalidade é obrigatória”⁸⁸ e “gesto de autorização”⁸⁹. Mas é, antes e acima de tudo, acolhida⁹⁰.

Texto 3 – Festival Moacir Santos + Meditação da Lua Cheia

Domingo é dia de: JAZZ + MEDITAÇÃO

Vem pro CCBB no próximo domingo, 10/8, que a tarde será maravilhosa! A partir das 16h teremos os shows ao ar livre do Festival Moacir Santos, seguidos pela já tradicional Meditação da Lua Cheia, com o pessoal do Arte de Viver Brasília! E o melhor: a entrada é franca!

Convide seus amigos e familiares! A programação do Festival Moacir Santos você encontra aqui:
<http://on.fb.me/1k9u4q3>

Fonte: CCBB Brasília (2014) ⁹¹

Na publicação acima, o convite é para ouvir música e, na sequência, meditar. No imaginário social, o domingo, dia da semana geralmente reservado ao ócio, o convidado

⁸⁷ NEVES, Ronaldo Mendes; Alexandre, Mauro Lemuel (2006). Consumo da hospitalidade. *Op. cit.*, p.4.

⁸⁸ GRASSI, Marie-Claire. Hospitalidade. *Op. cit.*, p. 47.

⁸⁹ *Ibidem*, p. 48.

⁹⁰ MONTANDON, Alain. Introdução. *Op. cit.*, p. 713-716.

⁹¹ CCBB BRASÍLIA. Domingo é dia de: JAZZ + MEDITAÇÃO. *Facebook*, 08 ago. 2014. Disponível em: <https://www.facebook.com/ccbbbrasil/photos/a.229081323770878/838663816145956>. Acesso em: 27 jan. 2021.

pode apreciar uma sonoridade identificada a gostos exigentes, sem a popularidade do pop ou do rock, e ainda contemplar o astro lunar.

A união dos dois programas, distintos em suas características, oferece à análise alguns contrastes curiosos. O texto inicia com um título, fato raro nas chamadas do CCBB no Facebook, assim como o fato de anunciar duas atrações distintas em um único *post* e ainda com letras grafadas em maiúsculas: “Domingo é dia de: JAZZ + MEDITAÇÃO”.⁹² Na comunicação feita nas redes sociais, é sabido que o registro em maiúsculas destina-se a chamar a atenção do interlocutor para algo importante sob o ponto de vista do autor. Ao mesmo tempo, esse uso também é considerada uma forma deselegante de correspondência com o outro. Nota-se, desse modo, nesse “título”, a contradição entre o refinamento e a mansidão da programação e a forma com a qual o texto se apresenta, tomando-se por base as conhecidas regras básicas da internet. Não obstante, pode-se também inferir que as letras maiúsculas tenham sido utilizadas apenas como recurso visual, com o simples objetivo de destacar os eventos para públicos mais amplos, que vão além dos bem definidos perfis do programa – jazz para apreciadores do ritmo caracterizado pelo improvisado e meditação para os entusiastas de práticas contemplativas. Tal consideração leva em conta que, para o CCBB, quanto maior o público que o visitar, melhor:

O espaço público é um retrato do grau de coesão comunitária na medida em que desempenha uma função de forte peso na eficácia dos símbolos, pois reúne em si o maior número de pessoas que partilham dos mesmos códigos.⁹³

Na sequência do título, tem-se o convite propriamente dito, acrescido de uma assertiva: “Vem pro CCBB no próximo domingo, 10/8, que a tarde será maravilhosa!” (CCBB Brasília, 2014). A garantia do prazer, porém, é válida apenas para uma parte do programa, pois a meditação depende da natureza, mais precisamente da condição em que o satélite surgir visível, no alto do céu: “A partir das 16h teremos os shows ao ar livre do Festival Moacir Santos, seguidos pela já tradicional Meditação da Lua Cheia, com o pessoal do Arte de Viver Brasília!” A gratuidade é um chamariz à parte – “E o melhor: a entrada é franca!” – , seguido do conclave para que o visitante, convencido da promessa de lazer, “Convide seus amigos e familiares!” Sabe-se que o primeiro senso de hospitalidade do ser humano é o que

⁹² CCBB BRASÍLIA. Domingo é dia de. *Op. cit.*

⁹³ YÁZIGI, Eduardo. *A alma do lugar. Op. cit.*, p.202.

lhe é familiar, é o fato de estar entre os seus. “Com isso, o hóspede é convidado pelo anfitrião a exercer, ao mesmo tempo, os dois papéis, o de hóspede e o de anfitrião”.⁹⁴

Provocada a sinergia com o espaço, o enunciado emenda um novo convite: “A programação do Festival Moacir Santos você encontra aqui: <http://on.fb.me/1k9u4q3>.”⁹⁵ Trata-se de um reforço do espaço cíclico da comunicação, do discurso, daquele que detém o lugar e o poder de fala. Assim, mesmo o mais frequente visitante e, por conseguinte, mais aparentemente a ele conectado, ao ponto de considerá-lo como seu, confundindo-se com o anfitrião, sabe quem é efetivamente o dono da casa, a quem se deve respeito.

Considerações finais

O termo cultura encerra, em si, uma gama infinita de significados. Longe de ser mero conhecimento, trata-se de gnose qualitativa, de um saber que, além de ser informação, repercute sobre a sensibilidade, a imaginação, o moral, sobre todo o conjunto vital de uma pessoa ou sociedade, que vai desembocar na forma como ela recebe e é recebida nos espaços. Neste artigo, em especial, pelo CCBB Brasília.

Essa premissa faz a ponte para a intrigante questão: o que levaria uma das mais longevas empresas do país, o Banco do Brasil, uma instituição financeira, a investir em um segmento que não é o seu, concentrando investimentos em espaços com equipamentos próprios, prevendo programação artística e cultural regular e diversificada, de modo a conquistar seu visitante? Todos têm cultura porque a praticam, lembra Williams, para quem a práxis cultural cotidiana possibilita tanto a invenção de novos saberes quanto o esquecimento seletivo dos antigos. Porém, como argumenta Bauman, alguns se recusam a desaparecer muito depois de já terem perdido seu significado.

Assim também a categoria hospitalidade, cujo mito sobre seu desenvolvimento no Ocidente assenta-se na Grécia antiga, fazendo dela o emblema de toda civilização e trazendo em si a ideia de acolhida como uma arte que integra e transforma as diversas culturas. Esse reflexo se dá na amabilidade e na cordialidade. Antídoto da agressividade humana, sua complexidade passa pelo sagrado direito de receber e ser recebido na realidade social e política, e de cujo ritual também participa o hóspede.

São, portanto muitas as perspectivas – e, por vezes, díspares – que uma e outra – cultura e hospitalidade – recebem, a partir de classificações que servem, em princípio, ao cunho ideológico. Desse modo, interpretar discursos que versam sobre seus conceitos no mundo contemporâneo requer, para além da diversificada e extensa gama de significados,

⁹⁴ OLIVEIRA, Adelaide Cristina Nascimento de. *O CCBB como anfitrião*. *Op. cit.*, p.130.

⁹⁵ CCBB BRASÍLIA. Domingo é dia de. *Op. cit.*

atenção para a presença do excluído, posto este estar dentro dos planos de inclusão. No caso específico do CCBB DF o Centro, com programação selecionada, ressignifica cultura a partir de sua intrínseca relação com a arte e suas flexões. E nesse cenário o que apetece a um ser humano pode sequer ser considerado por outro.

Desse modo, mesmo que, no processo seletivo dos projetos, o CCBB vislumbre a defesa de uma “causa” ou uma ideia, é na sua trajetória frente ao espectador que seu valor se estabelece, pois é o visitante o responsável por validá-la. A frequência do público demarca o sucesso ou não de uma empreitada, da escolha entre o momento de exhibir renascentistas, expressionistas ou modernistas, de apoiar uma montagem teatral de estilo clássico ou performático, de uma sonoridade popular ou erudita. É um centro apresentando sua visão de cultura. Não é, portanto, de modo algum inocente a programação pensada pelo CCBB para os mais diversos públicos.

Terreno de consumo e circulação de pessoas e bens, um irrefutável componente de uma nova economia cultural e de valor de troca no mundo contemporâneo, o CCBB é um agente multidisciplinar, açambarca os campos da cultura enquanto arte em suas variações (audiovisual, cênica, educação, literatura, música) adentrando, por meio de sua programação, em extensões outras, como em discursos filosóficos, tecnológicos e científicos. O cenário remonta ao pós-modernismo de Frederic Jameson e à lógica cultural do capitalismo tardio ou contemporâneo. Temas que merecem avanços em resenha específica.

Para comunicar a si mesmo como lugar de visitação e de acolhimento, o Centro Cultural Banco do Brasil Brasília utiliza, dentre outros recursos, textos inseridos em suas páginas no site (www.bb.com.br/cultura) e no Facebook (www.facebook.com/ccbb.brasilia). Nesses canais, o discurso do Banco põe-se a serviço e, no convite, deixa implícito o acolhimento ao outro, ao público visitante que, como receptor, tanto pode atender a esse chamado quanto a ele renunciar.

O ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos é o discurso e suas relações com o contexto sócio-histórico. Com isso, um e outro – anfitrião e hóspede –, bem como sociedade e cultura se modificam e são modificados em resposta ao comportamento das gerações, interação com culturas vizinhas e sua dinâmica interna própria. Na condição de anfitrião, entretanto, encontra-se um ente financeiro.

Recebido em 30 de setembro de 2021

Aceito em 31 de dezembro de 2021